

# A HISTÓRIA E AS MUDANÇAS CULTURAIS

## *The History and cultural exchanges*

Johnni Langer\*

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Madrid: Akal, 2010, 158 p.

Com o advento e a popularização da denominada Nova História Cultural, a partir dos anos 1980, os estudos envolvendo o referencial da cultura tornaram-se muito comuns. Com um diferenciado referencial sobre a relação entre as formas simbólicas e o mundo social, esta nova perspectiva historiográfica estabeleceu diálogos frequentes com outras disciplinas investigativas, mas em especial, concentrou-se nos estudos de caso do que em teorizações globais.<sup>1</sup> De fato, houve muito poucos estudos teóricos tanto sobre o conceito de cultura quanto sobre sua aplicação na prática historiográfica. Se nas ciências sociais o seu uso é muito polissêmico, na história cultural quase não ocorreram reflexões, sendo o próprio significado e entendimento de cultura derivado de processos históricos.<sup>2</sup> Por esse motivo, a tradução para o espanhol do livro de Peter Burke, *Hibridismo cultural* (no original *Cultural hybridity, cultural Exchange, cultural translation: reflections on history and theory*), é uma excelente oportunidade para os pesquisadores ibero-americanos aprofundarem algumas das questões que envolvem a problemática dos estudos culturais.

A primeira parte da obra é composta por um abrangente estudo sobre a obra de Peter Burke (*Historia y teoría: notas para um estudio de la obra de Peter Burke*, p. 5-57), realizado pela historiadora espanhola Maria

\* Professor da Universidade Federal do Maranhão. Coordenador do NEVE-Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos.

1 CHARTIER, Roger. A nova história cultural existe? In: PESSAVENTO, Sandra *et al.* (Org.). *História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006. p. 29.

2 FALCON, Francisco. *História cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002. p. 58-63.

Barredo. Analisando desde as influências iniciais da historiografia francesa, passando sobre seus extensos estudos sobre Renascimento, arte e história serial, Barredo concede um excelente panorama bibliográfico da obra do pesquisador britânico, considerando que, ao contrário de outros historiadores culturais, como Natalie Davies e Carlo Ginzburg, Burke preferiu o recorte da longa duração em seus estudos, além da utilização do método comparativo e sua fidelidade à seriação. E, ainda segundo Maria Barredo, em relação à influência dos debates construtivistas ou linguísticos, Burke teria ressaltado tanto a importância da retórica quanto da possibilidade de se estabelecer um conhecimento científico sobre o passado, enfim, uma forma de narração cujas afirmações devem ser respaldadas com testemunhos fiáveis.

Em sua *Introducción* (p. 63-72), o historiador britânico define as principais bases de seu trabalho em questão: define cultura em sentido amplo, englobando desde atitudes mentais e valores (representações), até formas materiais que expressem estes significados simbólicos (práticas) (p. 66). Mas o principal fio norteador é a articulação, a dinâmica entre as culturas que define a essência de suas considerações: não existiriam fronteiras, mas contiguidades culturais. Não existem culturas “puras”, mas culturas em constante processo de contato, interação e mudanças: “En nuestro mundo ninguna cultura es una isla” (p. 141).

O capítulo seguinte define os objetos temáticos da pesquisa (*Diversidad de objetos*, p. 73-88). Assumindo certa influência do relativismo, Burke afirma que os significados do hibridismo podem variar conforme o campo a que estão relacionados, seja nas religiosidades, nas línguas, na música, na literatura, etc. Seguindo as ideias de teóricos como Ernest Gombrich, o historiador interpreta que muitas obras de arte são baseadas em esquemas culturais de percepção e interpretação do mundo, produzindo obras híbridas como a arquitetura das cidades ucranianas renascentistas, que possuíam influência italiana. O cruzamento de estéticas e tradições estilísticas diferentes foi enfocado pelo autor tanto para a literatura, quanto para a música e as festas populares. Mas também o hibridismo entre povos é algo que foi crucial para as considerações do autor.

Um dos momentos mais interessantes e proveitosos do livro de Peter Burke é *Diversidad terminológica* (p. 89-112), por sua ampla possibilidade de ser utilizado como instrumento reflexivo pelos historiadores. Nele ocorreu uma densa discussão dos termos, conceitos e teorias utilizados

pelas ciências humanas para se estudar o processo de contato entre culturas ao longo da história. Algumas terminologias totalmente consagradas, como a de apropriação, aculturação e sincretismo, são questionadas pelo seu aspecto negativo e pouco individualizante, e outras, como intercâmbio e tradução cultural são valorizadas. Mas, de todos os termos utilizados por Burke, o mais recorrente como modelo de mesclas culturais foi “creolización” (crioulização). Seria um modelo originalmente linguístico, aplicado a situações onde uma determinada língua modifica-se a ponto de se tornar mais complexa que outra próxima, originando um terceiro grupo linguístico que utiliza tanto elementos originais quanto derivados do contato. A partir disso, os pesquisadores aplicaram o conceito para grupos culturais, especialmente da área caribenha. Crioulização, deste modo, enfatiza um produto da mescla de formas culturais tradicionais.

No terceiro capítulo (*Diversidad de situaciones*, p. 113-122), o autor expõe os locais e situações onde ocorrem contatos culturais. Indo além da geografia e da cronologia, Burke pretende explorar uma área ainda pouco estudada, a sociologia da hibridização. Para isso ele utiliza quatro temas: os elementos simbólicos dentro da própria cultura e em contatos com culturas estrangeiras; as tradições de apropriações (em povos com tradições fortes) e adaptações (em tradições fracas); a relação entre metrópole e a fronteira – esta segunda, uma das situações geográfico-sociais onde mais se verificam situações de intercâmbio e hibridização; e, por fim, as classes sociais como culturas.

O próximo segmento capitular (*Diversidad de reacciones*, p. 123-139) reflete as consequências dos encontros culturais. Passando pela moda estrangeira na arte e no cotidiano, de caráter tolerante, até as resistências – baseadas na defesa de uma identidade coletiva –, os resultados destas recepções são os mais variados possíveis: “no deberíamos olvidar que las culturas no son homogéneas sino heterogéneas y cada grupo que forma parte de una puede reaccionar de forma diferente al encuentro cultural” (p. 129). Algumas formas são extremadas, constituindo reações que vão da limpeza étnica ao fenômeno da segregação. Mas, sem dúvida, a que possui mais variações é a circularidade, seja de elementos religiosos reelaborados em contextos históricos e sociais diferentes (por exemplo, a iconografia do imperador, passando da Roma clássica ao absolutismo moderno), seja de elementos das culturas dominantes para as dominadas e vice-versa.

A última parte de caráter conclusivo (*Diversidad de resultados*, p. 141-151) apresenta alguns possíveis resultados de longo prazo da hibridização. O primeiro é a de que a homogeneização nunca seria completa. Seja com o império romano antigo, seja com os atuais produtos norte-americanos de consumo, a imposição de elementos de uma cultura estrangeira nunca é de natureza completa e total, sendo assimilados ou reinterpretados pelas culturas dominadas das maneiras mais criativas. Aqui, estamos muito distante das teorias de dominação das massas típicas dos anos 1960 e 1970: num mundo globalizado, que compartilha muitas mídias em comum, nem todas as “leem” do mesmo modo. Obviamente, existem ferozes resistências constituídas geralmente por mentalidades locais de base tradicional, “antiglobalizantes”, mas que podem não durar muitas décadas. Outra possibilidade é que todos acabem sendo bi-culturais: ao mesmo tempo em que participam de uma cultura global, não perdem as características de sua cultura local. Mas a perspectiva que mais atrai Peter Burke é de que no futuro aparecerá uma nova ordem cultural, com novas formas e híbrida a partir de muitas culturas: “la creolización del mundo” (p. 151).

Em relação aos seus estudos mais recentes, a presente obra propõe um alargamento tanto conceitual quanto temático. Em *Variedades de história cultural*<sup>3</sup> e *O que é história cultural?*,<sup>4</sup> Burke já apontava modelos teóricos para se entender o contato entre as culturas, mas sem maiores aprofundamentos. Do mesmo modo, em *História e teoria social*,<sup>5</sup> o historiador atentava a uma maior importância nos estudos de globalização, aproximando-se de um projeto de história que leve em conta as relações de fronteiras, tanto políticas quanto étnicas.

Mas o livro *Hibridismo cultural* também apresenta alguns pequenos problemas. Um deles é a excessiva recorrência de alguns objetos, como as religiosidades afro-brasileiras e a música latino-americana, citados ao longo do livro em vários momentos. Talvez se Burke tivesse concentrado os estudos de caso em cada seção teórica (além de ter detalhado mais cada contexto), seguindo o modelo sociológico de seu compatriota, Steve Fenton,<sup>6</sup> a narrativa tornar-se-ia muito mais interessante, tanto para leitura quanto para

3 BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2006.

4 BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

5 BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

6 FENTON, Steve. *Etnicidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

referenciais instrumentais. Uma ausência bibliográfica notável é referente à teoria da circularidade, onde em nenhum momento são citados os estudos de Carlo Ginzburg, um dos maiores divulgadores desta perspectiva dentro da História Cultural (originalmente criada por Mikhail Bakhtin<sup>7</sup>). Também o pesquisador Néstor García Canclini (autor do livro *Culturas híbridas*),<sup>8</sup> foi rapidamente citado como um exemplo de indivíduos que tiveram interesse pelo tema do hibridismo por sua própria experiência pessoal (p. 65, originalmente um argentino que se mudou para o México), mas não há um maior diálogo ou debate com questões teóricas de sua obra.

Mesmo assim, percebemos que este livro pode tornar-se um importante reforço teórico a todos os pesquisadores interessados em entender os contatos culturais, tanto do passado quanto do mundo em que vivemos. Seja para os historiadores, seja para os cientistas sociais em geral, a busca por referenciais teóricos e metodológicos relativos ao tema da cultura é fundamental para se entender qualquer aspecto histórico da vida humana.

Recebido em maio de 2012.

Aprovado em julho de 2012.

7 BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, 1965. São Paulo: Hucitec, 1993.

8 CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. México: Grijalbo, 1990.